

15 JAN 1995

o GLOBE

A face política do Mercosul p. 7

JOSÉ SARNEY

Há um provérbio chinês que diz: "Toda vez que formos beber água num poço, não devemos esquecer quem o abriu." O Mercosul tem seus antecedentes. Muitas tentativas foram feitas, há mais de 30 anos, visando a uma política de integração dos países latino-americanos. A mais antiga, talvez, seja a Alalc, em 1960. Havia a presença de problemas políticos que impediam e dificultavam os avanços.

Como parlamentar, interessado em assuntos de política externa, sempre tive a concepção de que o Brasil estava no caminho errado, de costas para seus vizinhos e com olhos para o oceano, em busca de parcerias preferenciais nos EUA e na Europa, abandonando para segundo plano sua vinculação continental. Tudo o homem pode mudar, menos a geografia, e o Brasil está na América do Sul, onde comungamos com os países irmãos nossas raízes culturais e lingüísticas.

Quando assumi a Presidência da República, procurei dar consequência a essas idéias. Sabia que as rivalidades históricas entre o Brasil e a Argentina eram um obstáculo que tínhamos que transpor, para execução de uma política de integração latino-americana, no Cone Sul. Por outro lado, essas relações estavam deterioradas pelos atritos gerados por Ita-

Minha primeira determinação ao Itamaraty, nessa direção, foi nos primeiros meses. Era ministro das Relações Exteriores o dr. Olavo Setúbal, que bem compreendeu nossa estratégia. Paulo Tarso, Thompson Flores e Ricupero ajudaram-me a clarear os objetivos. Já no mês de novembro, estávamos em Itaipu, reunidos com o presidente Alfonsín. O encontro teve meticuloso planejamento. Estabelecemos que devíamos levar toda a nossa cúpula militar, os três ministros, e o Governo argentino os seus homólogos, para começarmos a abrir as janelas da desconfiança e fixar os nossos propósitos de construir um novo tempo e um novo patamar para nossas relações.

A Ata de Iguazu, que então firmamos, é o documento básico dessa política. Ela é o marco que pode ser igualado ao Tratado Franco-Germânico, que possibilitou o início do Mercado Comum Europeu. Disse, àquela época, ao presidente Raul Alfonsín, que devíamos marcar nossos governos com um gesto histórico de encerrarmos todas as incompreensões, estabelecendo uma política de estreita cooperação, visando a estabelecer, no futuro, um mercado comum entre os dois países, incluindo o Uruguai e outros países da região. Devíamos sair da retórica para os fatos. Falamos sobre o ponto delicado da política nuclear e manifestei o desejo de abriremos nossas caixas-pretas, de país a país, estabelecendo uma aberta cooperação nesse setor, o que foi possível com fatos que depois se confirmaram, como a minha

visita a Picanajeu, nos Andes, onde está localizada a usina argentina de enriquecimento de urânio, e a posterior inauguração, pelo presidente Alfonsín, da nossa fábrica de Aramar, quando dominamos a tecnologia do urânio enriquecido através do processo de centrifugação.

Voltemos a Iguazu. Ali tivemos um grande incentivo para prosseguir na política de aproximação com a Argentina. Este gesto viria de Raul Alfonsín. Sem figurar no programa, sem que a ninguém ele tivesse dito e, penso, com a incompreensão existente em alguns setores militares que o acompanhavam, o presidente argentino, quando lhe disse que nosso hotel estava a dois quilômetros da barragem de Itaipu, ele me respondeu: "Presidente Sarney, vamos visitar Itaipu?" Em seguida, lá estávamos e batiamos uma foto, considerada impensável, pela sensibilidade do problema das águas do Paraná e a construção da hidrelétrica no sangradouro da barragem. Ali estavam os dois presidentes, tendo como fundo as águas que desciam do vertedouro de Itaipu, demonstrando uma vontade política forte, que haveria de mudar o rumo do Cone Sul. Sabíamos a profundidade daquele gesto de Raul Alfonsín, de coragem e de visão, encerrando, de maneira didática, dois séculos de divergências.

Devemos, em boa parte, a Raul Alfonsín, não só o Brasil, como a América Latina, o apoio que possibilitou pudéssemos abrir o caminho que, hoje, chega ao Mercosul. Nossa determinação era realmente aproximar o Brasil da Argentina, co-

mo irmãos, povos vizinhos, marcados por problemas e esperanças comuns. O êxito do nosso encontro tinha ido além de nossas expectativas. Afinal, eu sabia que sem a adesão efetiva do Governo argentino a esse projeto de crescermos juntos, iniciando uma política realista, sem retórica, passos firmes para não haver recuos, era impossível concretizar o sonho da integração. Pouco tempo depois, Juan Somavia, embaixador do Chile na ONU, testemunhando minha obstinação, me dizia que eu era o primeiro presidente bolivariano do Brasil, isto é, aquele que desejava um continente unido, fiel às nossas raízes ibéricas. Sem o Brasil, o sonho de Bolívar seria impossível.

A partir de então, já com Abreu Sodré, um nome marcante na história da diplomacia do continente, como chanceler, dedicado inteiramente à causa a que se entregou com talento e vontade, caminhamos juntos com Dane Caputo. Ministro das Relações Exteriores da Argentina, para passos mais definitivos e mais ousados. Nossa diplomacia passava a trabalhar para, jogando as cartas da América Latina, o Brasil participando em muitas iniciativas, como protagonistas e parceiro, como no problema da América Central, do respeito aos direitos humanos nas Américas, dos acordos e desacordos da dívida, nos fóruns de Cartagena, São José e Contadora, perseguindo sempre a integração e pregando a criação de um mercado comum latino-americano, a começar pelo Cone Sul.

As equipes dos nossos governos passaram a trabalhar em nível de amizade, num esforço conjunto e determinando. Seixas Correa, hoje embaixador em Madri, meu assessor especial, em meu nome, acompanhava o processo. Para equilibrar a tarefa, tivemos, em seguida, a participação de um homem extraordinário, de expressão mais do que continental, conhecedor profundo da História das Américas e, em particular, da História do Brasil, Julio Sanguinetti. Juntou-se a nós e foi peça importante e decisiva nos resultados. A idéia do Mercosul sempre nos pareceu ter como exemplo o modelo do Mercado Comum Europeu, visando à integração, não só no terreno econômico, como um todo, mas político, cultural, físico. Ao contrário de uma visão livre cambista, de Zona de Livre Comércio, nós nos propuzemos a fazer uma comunidade de nações, com uma visão de futuro, reunidos em torno de um organismo supranacional.

A Constituinte brasileira, dentro desse clima, colocou no seu artigo primeiro, entre os objetivos nacionais, "buscar a integração dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações".

O Mercosul começa com um mercado de mais de 200 milhões de habitantes e um PIB de US\$ 1 trilhão. As trocas econômicas entre nossos países já alcançam quase 20% de nossas economias e o comércio, a cifra de US\$ 10 bilhões. Somos o maior mercado comum na área dos países em

desenvolvimento. Estamos abertos à entrada de outros países da região e, com o equilíbrio da economia brasileira, podemos marchar para o objetivo que consta dos nossos primeiros acordos, que é a coordenação de políticas macroeconômicas. No terreno político, também, o Mercosul consolidará nossas instituições democráticas que possibilitaram um projeto dessa envergadura.

É bom lembrar que a iniciativa de criá-lo só foi possível depois que Argentina, Brasil e Uruguai se redemocratizaram. Ele foi um resultado da democracia, de povos livres que livremente desejam acabar com qualquer sombra de confronto e partiram para a aventura de, através da liberdade, melhorar o destino do continente e a vida dos nossos povos. O Paraguai, àquela época, não participou dos entendimentos, porque não era uma democracia e a exigência primordial era a existência de governos democráticos. Acredito que essa posição tenha ajudado o povo paraguaio a caminhar para a democratização.

O Mercosul é um resultado da democracia no continente, e a década perdida de 80 não foi tão perdida assim. Nela nasceu esse projeto que não tem volta, talvez como sente um homem simples da fronteira, que vive os problemas e os dilemas reais, prefeito de Rivera, Padern Martinez, "o fato mais importante desde a Independência".

José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá.